

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CAMPUS III – BACABAL
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS/SOCIOLOGIA

SABRINNA LUCENA DA SILVA

**UM ESTUDO TEÓRICO-BIBLIOGRÁFICO SOBRE O FENÔMENO DA
INDISCIPLINA ESCOLAR**

BACABAL – MA

2023

SABRINNA LUCENA DA SILVA

**UM ESTUDO TEÓRICO-BIBLIOGRÁFICO SOBRE O FENÔMENO DA
INDISCIPLINA ESCOLAR**

Monografia apresentada ao curso de Graduação em Ciências Humanas, da Universidade Federal do Maranhão, campus III, como requisito para obtenção do grau de licenciado em Ciências Humanas com Habilitação em Sociologia.

Orientador: Profa. Ana Paula Ribeiro de Barros.

BACABAL – MA

2023

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Silva, Sabrinna Lucena da.

Um estudo teórico-bibliográfico sobre o fenômeno da indisciplina escolar. /

Sabrinna Lucena da Silva. - 2023.

45 f.

Orientador(a): Profa. Ana Paula Ribeiro de Barros.

Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas - Sociologia,
Universidade Federal do Maranhão, Bacabal,

2023.

1. Indisciplina Escolar. 2. Disciplina. 3. Alunos. I. Barros,
Profa. Ana Paula Ribeiro de. II. Título.

SABRINNA LUCENA DA SILVA

**UM ESTUDO TEÓRICO-BIBLIOGRÁFICO SOBRE O FENÔMENO DA
INDISCIPLINA ESCOLAR**

Monografia apresentada ao curso de Graduação em Ciências Humanas, da Universidade Federal do Maranhão, campus III, como requisito para obtenção do grau de licenciado em Ciências Humanas com Habilitação em Sociologia.

Aprovado em: __/__/2023

BANCA EXAMINADORA

Profª. Ana Paula Ribeiro de Barros (Orientador)
Universidade Federal do Maranhão

(1ª Examinador)
Profª. Maria José dos Santos
Universidade Federal do Maranhão - campus III, Bacabal

(2ª Examinador)
Prof. Leonardo José Pinho Coimbra
Universidade Federal do Maranhão - campus III, Bacabal

DEDICATÓRIA

Dedico à Deus pelo dom da vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que sempre me deu energia para concluir todo este trabalho complexo.

Agradeço aos meus pais Maria das Neves Lucena e Antônio Alexandre pelos incentivos de todos os dias tanto na minha vida estudantil quanto na minha vida pessoal.

Agradeço a minha irmã Alanna Lucena e ao meu irmão Dacyo Salas Lucena a me encorajar a não desistir e seguir focando nos meus objetivos.

Agradeço aos meus colegas/amigos da UFMA por me ajudar quando estive dúvidas em alguns momentos das aulas que foram essências para mim.

Agradeço especialmente a quem foi minha professora e coordenadora Maria Jose dos Santos que sempre esteve disposta a me auxiliar desde início que entrei na faculdade.

Agradeço a minha orientadora pela paciência e dedicação em suas orientações prestadas na construção deste trabalho, me incentivando e colaborando no desenvolvimento de minhas ideias.

E por fim, agradeço imensamente a todos que estiveram e fazem parte do meu trabalho.

*“Mudança é o resultado final de todo o
aprendizado verdadeiro”*

Leo Buscaglia

RESUMO

A indisciplina escolar se apresenta como um dos grandes desafios para a educação na atualidade, afetando professores e alunos que convivem com este fenômeno na prática do dia a dia, afetando substancialmente no processo de ensino aprendizagem. Esta realidade reflete significativamente no desenvolvimento de uma educação de qualidade, pois os alunos indisciplinados agem impulsionando a desordem da sala de aula. Desta forma, a pesquisa foi realizada com o objetivo de discutir o fenômeno da indisciplina escolar, relacionando os motivos que condicionam para tal ação. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, realizada como fonte principal para a análise do problema, tendo como base autores selecionados no Portal de teses e dissertações da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), Sousa (2016), Fagundes (2017), Gonçalves (2018), e Yoshida (2019). Este trabalho está organizado em quatro partes: a primeira parte apresenta a Introdução da pesquisa com um breve resumo do estudo, apresentando a problemática, os objetivos principais, assim como a justificativa; a segunda aborda a revisão da literatura explicando os significados dos termos “Disciplina e Indisciplina”; a terceira faz uma análise das dissertações dos autores já citados no intuito de compreender o problema; e a quarta parte apresenta a conclusão dos resultados obtidos durante a pesquisa. Ao realizar análise das teses e dissertações dos autores, bem como as evidências colhidas em suas observações, foi possível obter as respostas do problema proposto para esta pesquisa; e os motivos apontados como influência para a indisciplina foi: a escola não aceitar a opinião dos alunos, o ambiente familiar, o Governo e a infraestrutura da escola. Ainda foi verificado que para haver uma melhora no comportamento dos alunos, todos os envolvidos em sua educação devem estar dispostos a contribuir e trabalharem em conjunto.

Palavras chave: Indisciplina Escolar. Disciplina. Alunos.

ABSTRACT

School indiscipline presents itself as one of the great challenges for education today, affecting teachers and students who live with this phenomenon in their daily practice, substantially affecting the teaching-learning process. This reality is significantly reflected in the development of quality education, as undisciplined students act by promoting disorder in the classroom. In this way, the research was carried out with the objective of discussing the phenomenon of school indiscipline, listing the reasons that condition for such action. The methodology used was bibliographical research, carried out as the main source for the analysis of the problem, based on selected authors in the Portal of theses and dissertations of CAPES (Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel), Sousa (2016), Fagundes (2017), Gonçalves (2018), and Yoshida (2019). This work is organized in four parts: the first part presents the Introduction of the research with a brief summary of the study, presenting the problem, the main objectives, as well as the justification; the second addresses the literature review explaining the meanings of the terms “Discipline and Indiscipline”; the third analyzes the dissertations of the aforementioned authors in order to understand the problem; and the fourth part presents the conclusion of the results obtained during the research. By analyzing the theses and dissertations of the authors, as well as the evidence gathered from their observations, it was possible to obtain answers to the problem proposed for this research; and the reasons cited as influencing indiscipline were: the school not accepting the students' opinion, the family environment, the Government and the school's infrastructure. It was also verified that in order to have an improvement in the students' behavior, everyone involved in their education must be willing to contribute and work together.

Keywords: School Indiscipline. Discipline. Students.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 ANÁLISE TEÓRICA DOS TERMOS “DISCIPLINA” E “INDISCIPLINA” E SUA COMPREENSÃO COMO FENOMENO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR.....	13
3 ANÁLISE DE TESES E DISSERTAÇÕES.....	23
3.1 Dissertação de Suelen Gomes De Sousa (2016).....	24
3.2 Dissertação de Deiwson Silveira Fagundes (2017).....	26
3.3 Tese de Vanessa Bugs Gonçalves (2018).....	32
3.4 Dissertação de Cythian Yoshida (2019).....	36
4 CONCLUSÃO.....	42
REFERÊNCIAS.....	43

1 INTRODUÇÃO

A indisciplina é um fenômeno que faz parte da história da educação. Correspondendo à desobediência dos alunos às regras educacionais. Essa desordem no ambiente escolar vem sendo observada e estudada a fim de contribuir para uma melhora no rendimento do ensino-aprendizagem, pois é uma situação que dificulta o trabalho do corpo docente.

Compreende-se a indisciplina como sendo uma violação às normas necessárias para que as aprendizagens em sala de aula ocorram da maneira prevista. As regras impostas pelo grupo ou pela escola definem a moral do aluno como apropriadas ou inapropriadas mediante seu comportamento. (ESTRELA, 1992).

É de fundamental importância refletir sobre este tema que afeta tanto a escola pública quanto a privada; no intuito de identificar o que causa essa indisciplina e como a escola ou a família podem contribuir para que haja uma mudança nesse contexto, pois lidar com o comportamento dos alunos não é tarefa fácil e depende de todos os envolvidos na educação.

Gonçalves (2018) comenta que a indisciplina pode ocorrer como uma maneira de inserção dos alunos no contexto escolar; visto que as normas já estão prontas e que nada os resta se não segui-las. Eles são tidos muitas vezes como sujeitos passivos não tendo a possibilidade de agir em determinadas situações.

No entanto, o interesse em pesquisar o tema surgiu da necessidade em identificar os motivos que levam os educandos cometerem transgressões às regras impostas pela escola, sendo que o caráter individual do aluno é colocado em pauta nas reuniões de conselho a fim de atribuição de notas para algumas atitudes.

Desta forma, o tema escolhido para este estudo foi “UM ESTUDO TEÓRICO-BIBLIOGRÁFICO SOBRE O FENÔMENO DA INDISCIPLINA ESCOLAR”, pois é frequente as reclamações dos professores para com alunos indisciplinados que por algum motivo não cumprem o planejamento imposto nas aulas. Desde então, tem-se a necessidade de conhecer e identificar os motivos que relacionam estes alunos à indisciplina.

A pesquisa é de grande relevância aos estudantes de graduação e professores no geral que lidam com esta situação em sala de aula, para que entendam mais sobre o tema e possam refletir sobre as práticas pedagógicas a fim contribuir na melhor forma de intervir nas atitudes dos alunos. Para desenvolver este estudo foi elaborado a seguinte problemática: Quais motivos influenciam os alunos a cometerem à indisciplina escolar? Para conseguir respostas à esta problemática tem-se o objetivo geral: Discutir o fenômeno da indisciplina escolar a partir das análises de alguns autores em relação a esta temática. E no intuito de adquirir respostas que

contribuam com o objetivo geral alguns objetivos específicos foram desenvolvidos: Identificar estudos sobre o fenômeno da indisciplina escolar; Analisar os aspectos relacionados a respeito do fenômeno de indisciplina escolar por esses estudos; Verificar os principais motivos que têm sido frequentemente relacionados as ações indisciplinadas dos alunos.

Os procedimentos metodológicos para realização deste estudo se desenvolveu por meio de pesquisa bibliográfica sendo utilizada como fonte fundamental para a mesma; os autores foram selecionados no Portal de teses e dissertações da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) com o intuito de explicar o problema proposto com base em suas teses e dissertação relacionados ao tema desta pesquisa. Segue alguns autores de referência: Sousa (2016), Fagundes (2017), Gonçalves (2018), e Yoshida (2019).

O presente trabalho está organizado em quatro partes. A primeira parte aborda esta Introdução da pesquisa com um breve resumo do estudo, apresentando a problemática, os objetivos principais, assim como a justificativa. Na segunda, é apresentada a revisão da literatura para explicar os significados dos termos “Disciplina e Indisciplina” e como se relaciona com algumas teorias. A terceira apresenta a análise das dissertações dos autores já citados no intuito de compreender o problema. E a quarta parte apresenta a conclusão dos resultados obtidos durante a pesquisa.

Ao final da pesquisa as respostas para a problemática foram encontradas possibilitando conhecer significativamente o objeto de estudo para uma análise coerente. Desta forma, o tema é um fator importante para entender como o aluno se sente a fim de proporcionar uma melhora nos estudos, assim como para o docente entender que existem muitos fatores que determinam o comportamento.

2 ANÁLISE TEÓRICA DOS TERMOS “DISCIPLINA” E “INDISCIPLINA” E SUA COMPREENSÃO COMO FENOMENO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR

Neste capítulo, buscou-se compreender o significado de disciplina e a possível origem de indisciplina no ponto de vista teórico e suas implicações no ambiente escolar. Para tanto, recorreremos a uma revisão e análise bibliográfica visando estabelecer uma aproximação teórica com os termos, onde pode-se observar seu caráter polissêmico, assim como de suas manifestações no ambiente escolar e implicações para a prática pedagógica.

Ao que tudo indica o surgimento da indisciplina na escola tem deixado os educadores juntamente com a comunidade escolar preocupados. Por essa razão, o principal foco da maioria das reuniões de conselho de classe eram sobre a indisciplina do aluno; de onde vem, qual a sua origem, e como a escola poderia contribuir em sua prevenção. Os autores apresentados tentam apontar a solução para o problema acerca do fenômeno de indisciplina escolar, bem como uma reflexão sobre este fato.

Mais para compreender sobre a indisciplina, tem-se a necessidade de conhecer o que os estudos afirmam sobre os conceitos de “Disciplina”.

Banaletti e Dametto (2015, p. 2) cita o filósofo Michel Foucault (1926- 1984), com o intuito de abordar o termo disciplina. Para ele, disciplina é vista como uma forma de poder.

O poder deve ser analisado como algo que circula, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer com sua ação: nunca são alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles. (FOUCAULT, 2002, p.83).

Desta forma, o poder definido por Foucault está relacionado como algo criado para dominar as pessoas. Isto significa que os indivíduos devem agir da forma como estão impostas as leis, ou seja, a sociedade deve se comportar mediante as normas impostas pela instituição e o Governo.

Foucault relaciona a disciplina ao conceituar o poder, presente na organização da formação dos sujeitos na Modernidade. Para ele, a disciplina divide (individualiza), cronometra, adentra os movimentos, tornando os corpos “dóceis”, produtivos, eficientes. Sendo que a escola e a Pedagogia são instituição e ciência que servem a este propósito, atuando em conjunto com outras construções institucionais e científicas da sociedade, como a indústria, as instituições militares, o sistema jurídico e as ciências acerca do homem. (FOUCAULT, 1987, *apud* BANALETTI; DAMETTO, 2015, p. 3).

Ferreira (2008) define como: (1) regime de ordem imposta ou mesmo consentida, (2) ordem que convém ao bom funcionamento de uma organização, (3) relações de subordinação do aluno ao mestre, (4) submissão a um regulamento, etc. Ao pesquisar os sinônimos do verbo disciplinar podemos encontrar as seguintes palavras como: sujeitar-se ou submeter-se à disciplina, castigar(-se) com disciplinas.

Segundo a conceituação filosófica kantiana, no dicionário de ABBGNANO (1999, p. 289) foi possível encontrar a definição de disciplina: “Função negativa ou coercitiva de uma regra ou regra ou de um conjunto de regras”, que impede a transgressão à regra”, e nesse sentido foi entendida como opressão, imposição ou constrangimento. Já no dicionário kantiana de CAYGILL (2000, p. 104) define a disciplina como a “coação graça à qual a tendência permanente que nos leva a desviar-nos de certas regras é limitada e finalmente extirpada”. Essa definição kantiana de disciplina é entendida como insatisfação social e individual de determinadas regras rígidas na escola, pode frequentemente gerar violência também.

TIBA (1996, p. 30) define disciplina como “conjunto de regras éticas para se atingir um objetivo. A ética é entendida, aqui, como o critério qualitativo do comportamento humano envolvendo e preservando o respeito, ao bem estar biopsicossocial”.

Por conseguinte, destaca-se a possível causa ou mudança de comportamento ao longo dos anos por parte dos alunos. Uma das causas apontadas por TAILLE (1996) refere-se à ausência de moral/vergonha por parte dos alunos. Mas é preciso buscar, também, os motivos para essa ausência. O autor menciona uma das transformações ocorridas nas escolas, principalmente as particulares, a partir da última década do século XX: o aluno passou a ser considerado cliente afirma o autor, “o aluno se torna ‘cliente’ a quem a escola vende um ‘produto’. E, como se sabe, o cliente é rei, é ele quem manda” (TAILLE, 1996, p. 21). A consequência desse tratamento equivocado é percebida diante de reações dos alunos junto aos seus professores; pois há alunos que enfrentam seus mestres afirmando que não lhe devem obediência, que pagam seus salários e que são, conseqüentemente, seus empregadores (TAILLE, 1996).

Pimenta (2012) sustenta a seguinte ideia sobre a mudança de comportamento dos alunos:

[...] o contexto histórico da época era diferente da atual, a escola era para poucos, escola elitista, regime militar, onde só permanecia quem se adaptasse à ela. Escolas extremamente militarizadas no seu funcionamento diário, tendo como metodologia as ameaças e os castigos, assim era obtido o chamado respeito que tanto é desejado hoje. A escola não era obrigatória e se uma criança não estudasse não fazia diferença para

a sociedade. (PIMENTA, 2012, p.26).

VASCONCELLOS (1995, p. 23) contribui com a causa da indisciplina, afirmando que:

o fato de que a desvalorização social da escola fez com que houvesse uma queda do mito da ascensão social, por meio ensino e aprendizagem, diminuindo consideravelmente a motivação extrínseca que havia entre aqueles que desejavam “ser alguém na vida”, por meio do ensino. A criança é levada a acreditar na possibilidade de sucesso desde pequena. Sendo assim, entender que a escola e os estudos não contribuirão para uma ascensão social faz com que os alunos, desde novos, não se sintam motivados a prestar atenção nos ensinamentos do professor. A escola deixa de ser um ideal e passa a ser uma obrigação.

O reconhecimento que existia pelo profissional da educação deixou de existir. Ainda na visão de VASCONCELLOS (1995),

Isto acontecia quando a escola representava um inquestionável caminho de ascensão social e, dessa forma, o professor era um dos seus representantes mais qualificados e como tal era tratado (ainda que fosse um respeito meramente formal). Hoje tudo mudou. Esse tratamento de respeito tem que ser conquistado pelo professor (VASCONCELLOS, 1995, p. 45).

Ao longo da história, fatores foram influenciando as relações de poder do professor para com os alunos, influenciando assim também a disciplina na escola. Há os que alegam que a autoridade e o controle exagerado do professor de tempos atrás, foram substituídos por certa liberdade excessiva entre os educandos, dando a disciplina uma importância secundária.

Em 1988, com a Constituição Federal, todas as crianças passaram a ter direito a frequentar a escola: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. (BRASIL, 1988, p.38).

Para muitos, foi um marco na história da educação, pois ainda haviam crianças que não tinham acesso à escola; mas, para outros, tornou-se algo obrigatório, pois o Governo criou o programa “Bolsa Família” para incentivar o aluno a continuar os seus estudos.

Para fazer valer a lei o governo liberou um incentivo, que é o programa bolsa família, cuja condição para recebê-la é que a criança deve apresentar uma frequência positiva, sendo de responsabilidade do Ministério da Educação (MEC), o acompanhamento da frequência das crianças. Ou seja, muitas crianças permanecem na escola devido a tal incentivo, sem a devida preocupação, por parte de alguns pais, com a educação de seus filhos, as prioridades são em relação ao incentivo. (PIMENTA, 2012, p. 21).

Os pais também são citados como influenciadores para a indisciplina dos filhos:

[...] por várias questões e, principalmente, as econômicas a dona de casa, foi obrigada a ir para o mercado de trabalho, ocasionando uma fenda no tempo para com os filhos, não permitindo o acompanhamento mais de perto do desenvolvimento em relação a questões de valores para as crianças. Instala-se uma verdadeira crise de autoridade na educação. (PIMENTA, 2012, p.19).

Contudo, a família não pode ser a única influência responsável no comportamento indisciplinar do aluno. “Uma coisa é aceitar que o que ocorre no ambiente familiar é importante, e outra, bastante diferente, é acreditar que é determinante e irreversível” afirma Rego (1996, p. 98). A autora prossegue afirmando que essas adversidades familiares podem ser superadas se o aluno tiver oportunidade de vivenciar contextos e modelos educacionais até então recebidos.

No entanto, alguns filhos acreditam, por exemplo, que pais que não acompanham suas tarefas escolares não se interessam por essa atividade. “Filhos confundem-se com suas tarefas. Quando os pais não dão importância para as tarefas, os filhos acreditam que os pais não se interessam por eles e tornam-se desmotivados” (TIBA, 2012, p. 53-54).

Barbosa (2009), traz em seu artigo uma reflexão sobre a indisciplina escolar diante da perspectiva dos diferentes olhares apresentando a forma como enxergam o fenômeno. Quando a indisciplina se espalha pelo mundo todo, teoricamente haverá diversas conotações em relação as manifestações por conta dos valores culturais estabelecidos por essas nações, alegando que a comunidade escolar em geral e qualquer escola pode estar sujeita a ocorrência desse fenômeno.

Rego (1996) responsabiliza os professores a culpa pela indisciplina do aluno em sala de aula. Situações como a falta de autoridade e a ausência de motivação e de controle provocam desordem na sala de aula que se torna, dessa forma, um ambiente desordeiro e não adequado à aprendizagem.

Estrela (1992, p. 9-12) aponta que a indisciplina tenha se expandido nas escolas deixando os governos europeus preocupados. Em suas pesquisas, a autora indica o fenômeno como “um dos problemas mais difíceis e aliciantes com que se defrontam atualmente as escolas dos países ocidentais”.

É importante, todo professor ter em mente que:

Na sala de aula, os alunos não são pessoas para transforma-se em coisas, em objetos, que o professor pode manipular, jogar de um lado para o outro. O aluno não é um depósito de conhecimentos memorizados que não se entende, como um fichário ou uma gaveta. O aluno é capaz de pensar, refletir, discutir, ter opiniões, participar, decidir o que quer e o que não quer. (SILVA, 2002, p. 15).

Temos as diferentes visões básicas encontradas na literatura que para os docentes partidários tradicionais, compreende a ação disciplinar como um conjunto de regras ou atitudes a serem tomadas visando assim controlar determinados comportamentos inadequados, ou seja, está basicamente garantindo o silêncio, a organização, a passividade e a imobilidade dos alunos. A disciplina impõe os mecanismos para controlar nosso comportamento de acordo com as normas e valores estabelecidos na escola ou meio social.

Com os dados obtidos pelos professores em uma entrevista, Mendes (2008, p. 139) declara que a disciplina:

É uma certa ordem que temos que ter dentro da sala de aula e na vida também. Sem isso, não dá para fazer nada. Ordem em termos de comportamentos e organização. É um conjunto de atitudes que o aluno tem de incluir sua relação com o professor, colegas e seu interesse pelas atividades. A disciplina da escola tem a ver com sua conduta pessoal e com a organização dos trabalhos.

Outra forma de definir a disciplina nestes termos é expressada pelas seguintes palavras “ordem imposta”, “subordinação”, “submissão”, “castigo” e “coação”. De acordo com essas expressões, a ação disciplinar pode ser compreendida como uma força opressora, fazendo com que o aluno tem a sua incapacidade de tomar a sua própria decisão ou compartilhar ideias de acordo com seu conhecimento adquirido.

Paulo Freire (1996, p.11), faz a seguinte reflexão:

É na fala do educador, no ensinar (intervir, devolver, encaminhar), expressão do seu desejo, casado com o desejo que foi lido, compreendido. O professor é peça fundamental no processo educacional, pelo papel que ele representa diante do aluno, como educador e transmissor de conhecimentos.

Segundo Estrela (1992), a partir das teorias escolanovistas difundidas por Dewey, Decroly, Montessori e outros teóricos, este movimento enfatiza a necessidade de aperfeiçoar uma mudança na prática pedagógica tradicional, para que o docente exerça o seu papel como mediador da aprendizagem.

Parrat-Dyan (2008) entende a disciplina como um olhar de libertação humana no sentido construtivista. A autora não enxerga a disciplina como repressão ou opressão mesmo sabendo que seguindo esse padrão de disciplinamento haverá consequências.

A disciplina não é um conceito negativo; ela permite, autoriza, facilita, possibilita, A disciplina permite entrar na altura da responsabilidade e compreender que as nossas ações tem consequências. Quem olha para a disciplina como algo negativo não

entende o que é. (PARRAT-DYAN, 2008, p. 8).

Koff e Pereira (1999), corroboram com esse mesmo pensamento de Parrat-Dyan de que a ação disciplinar é um dispositivo para corrigir os alunos considerados indisciplinados, mas ao mesmo tempo enxerga a disciplina como algo positivo. Portanto, o disciplinamento pode ser necessário para transformar o padrão de comportamentos adequados, é preciso conhecer o cotidiano de vida de cada sujeito, pois certa situação pode ser interpretada em outro contexto e não como atitude indisciplinar.

Observa-se que as práticas disciplinares vêm se modificando ao longo do tempo. Estrela (1992), compreende a disciplina como uma conformidade exterior às “regras e aos costumes”, passando por um “estádio em que é compreendida como conformidade simultaneamente exterior e interior” e chegando a “uma concepção que valoriza, sobretudo, a interioridade e o engajamento livre do indivíduo”.

Ao que tudo indica, no início da ação disciplinar há uma ausência de autonomia, pois a criança ainda se desenvolve na sua heteronomia para se organizar sozinha. É necessário que o adulto intervenha dando assim a autonomia e confiança para que a criança compreenda e internalize os mecanismos necessários para uma ação autônoma, por isso o adulto na vida da criança tem o papel fundamental para o desenvolvimento de sua própria autonomia e autocontrole.

Por meio dos pressupostos teóricos-metodológicos das seguintes perspectivas tradicionais e construtivistas são apresentadas diferentes olhares sobre fenômeno de indisciplina escolar, o que esses autores pensam sobre esses termos.

Freitas (1998) em suas pesquisas, observou a professora usando a disciplina nos seus alunos em extremo silêncio e um esquadrinhado controle do comportamento como regras da sala, e aos que desobedecerem as regras eram anunciados ameaças de exclusão e punição ao modelo padronizado de Behavioristas.

Desse modo, o aluno qualificado passava a se tornar como mal comportado pela professora observada por Freitas, alguns exemplos disso como não realizar fila, pedir para ir ao banheiro fora do horário estabelecido, olhar pela janela, esquecer o material escolar, levantar-se, conversar, apresentar dúvida ou demora no momento de fazer as atividades propostas, e outros.

Aparentemente o autor remete a rigidez do ensino tradicional, pois nessa condição não existe liberdade para a criança se desenvolver a aprender a ter sua própria autonomia necessária tendo o aprisionamento por parte da autoridade no aluno. Freire (2001), critica esse

relacionamento do professor-aluno no modelo tradicional da educação como “culto do silêncio” e valoriza a importância do diálogo entre os pares, pois a comunicação é um instrumento para a libertação e efetividade humana.

Nos estudos realizados por Freire (2001), descreveu o modo como os professores observados consideravam os atos de seus alunos como indisciplina, apontando como exemplos: conversar, mexer-se, falar palavrão, ser agressiva, não usar uniforme, não trazer material, não sentar, não se concentrar, e entre outras definições.

Nota-se que essas definições de indisciplina eram basicamente interpretadas como o caso da reação do aluno em determinadas situações que incomodava o docente. Graças as novas gerações e mudanças na educação percebe-se uma superação a essa antiga concepção e padrão de regras estabelecidas na escola.

No artigo de Joe Garcia (1999, p.102) “Indisciplina na escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva”, o autor afirma que o “conceito de indisciplina apresenta uma complexidade que precisa ser considerada”, ou seja, a indisciplina deve ser observada em vários aspectos. Por exemplo: “superar a noção arcaica de indisciplina como algo restrito à dimensão comportamental. Ainda, é necessário pensá-la em consonância com o momento histórico desta virada de século” (GARCIA, 1999, p. 105).

A fim de conceituar brevemente a noção de indisciplina, é possível situa-la no contexto dos comportamentos dos alunos nas diversas atividades pedagógicas, tanto dentro ou fora de sala de aula. Só deve definir como indisciplina tendo “a dimensão dos processos de socialização que os alunos exercem na escola, na relação com seus pares e com os profissionais da educação, no contexto do espaço escolar - com suas atividades pedagógicas, patrimônio, ambiente, etc.” (GARCIA 1999, p. 102). A definição indisciplina pode se considerar como a incongruência entre os critérios e expectativas assumidos no qual refletem o pensamento da comunidade escolar.

Segundo Garcia (1999), a conceituação de indisciplina pode se englobar em duplo movimento: do lado da escola pode ocorrer alguma incongruência em relação aos referenciais assumidos, de tal forma que também ela pode ser eventualmente considerada “indisciplinada”. O autor afirma que o papel da escola é considerar o quadro de forma definida sobre as questões das condições e desenvolvimentos dos alunos e de suas necessidades, garantindo assim as condições apropriadas ao processo de ensino-aprendizagem.

Na perspectiva de Garcia, as características da indisciplina vêm se modificando ao longo das últimas décadas nas escolas, e não considera que o fenômeno estático permanece com as mesmas características. Portanto, as singularidades do fenômeno de indisciplina nas décadas

anteriores são diferenciadas das quais temos hoje em dia; as conotações estão cada vez mais presentes em discussões entre os autores ou profissionais da educação. Talvez, por esse motivo temos a dificuldade de encontrar verdadeira origem do fenômeno de indisciplina, cada escola em geral possui sua própria perspectiva em relação a este termo, por isso optou-se em buscar trabalhar com as conceituações de indisciplina dos diferentes autores.

Um dos aspectos mais interessantes encontrado no artigo de Garcia é o exemplo de que os alunos são capazes de usar suas próprias estratégias para deixar o professor constrangido, como por exemplo, pequenos grupos de alunos se organizam a fim de que toda turma seja manipulada a cometerem atitudes indisciplinadas, gerando uma “bagunça engajada”, até o ponto de retirar o professor da sala de aula. Não se pode denominar este caso de indisciplina, sem ter o contexto do que se passa com o aluno, é necessário ter toda fundamentação da comunidade escolar e saber qual o grau da participação da escola.

Dessa maneira, a indisciplina precisa ser encarada com complexidade e divergência de desafios a serem enfrentados, considerando assim nos diferentes aspectos comportamental, social, responsabilidades da família e da escola. Garcia (1999) comenta na perspectiva da escola em se preocupar com o problema de conduta do aluno:

Se a escola se preocupar somente em resolver “problemas de comportamento” nunca chegará a ver a indisciplina resolvida. O “bom comportamento” nem sempre é sinal de disciplina, pois pode indicar apenas adaptação aos esquemas da escola, simples conformidade ou mesmo apatia diante das circunstâncias. (GARCIA, 1999, p. 105).

Nessa menção acima, podemos compreender claramente que nem sempre o aluno comportado seja qualificado como disciplinado, pelo contrário. No entanto, o silêncio e a aquietação muitas vezes podem gerar outro aspecto, menos disciplina.

Garcia destaca que o fenômeno da indisciplina não apresenta em uma causa única, por isso é necessário estudarmos e aprofundarmos mais sobre a indisciplina, mesmo com toda a complexidade e pode ser possível estabelecer soluções mais efetivas. Por exemplo:

as diversas causas da indisciplina escolar podem ser reunidas em dois grupos gerais: as causas externas à escola e as causas internas. Entre as primeiras vamos encontrar, por exemplo, a influência hoje exercida pelos meios de comunicação, a violência social e o ambiente familiar. As causas encontradas no interior da escola, por sua vez, incluem o ambiente escolar e as condições de ensino-aprendizagem, os modos de relacionamento humano, os perfis dos alunos e sua capacidade de se adaptar aos esquemas da escola. (GARCIA, 1999, p.104).

Nessa perspectiva, identifica-se que o comportamento do aluno indisciplinado não está relacionado somente com as questões pedagógicas internas da escola, mas também com o

ambiente em que o aluno vive fora da mesma. Desta forma, a relação do aluno com o professor, pode estar associado a maneira como este é influenciado fora da sala de aula.

O termo de indisciplina possui inúmeras conceituações diferentes e que pode ser confundida com outro fenômeno como no caso da violência. Por isso, é fundamental esclarecer as diferenças relações e distinções que percorrem a escola.

Se de um lado a violência está entre as causas da indisciplina, ela não é capaz de explicá-la totalmente. Se focalizarmos nossa atenção apenas no problema da violência social, estaremos perdendo de vista um fenômeno complexo, que apresenta uma singularidade própria dentro da escola. (GARCIA 1999, p. 105).

Há algumas medidas capazes de prevenir a indisciplina em sala de aula, mais é necessário a contribuição de todos da comunidade: família, escola, professor e aluno. TIBA (2012, p. 52), afirma que os responsáveis “precisam ser firmes com os filhos e que as regras familiares necessitam ser claras; se o filho não cumpriu determinada tarefa escolar, por exemplo, os pais, ao puni-lo devem dizer claramente o porquê da punição”. Outro exemplo seria com os alunos que recebem mesada, se os pais consideram que um filho ficará sem mesada por alguma desobediência, devem dizer claramente: “eu tenho o dinheiro da mesada, mas não vou dar porque você não merece em vez de dizer que não tem o dinheiro. Agindo dessa forma o filho saberá que está sendo punido e reconhecerá a autoridade dos pais”. TIBA (2012, p. 52).

Ao estabelecer limites ao filho haverá a possibilita de prevenção da indisciplina em sala de aula, uma vez que a tarefa de disciplinar o aluno não cabe apenas a essa instituição e ao professor. O aluno que tem limite e responsabilidades em casa chegará à escola com uma postura irrepreensível para o aprendizado.

O limite que pais dão ao filho está diretamente ligado à meritocracia, segundo TIBA (2012).

Filho não deve ser premiado sem que, assim, mereça. São os pais que preparam o filho para a vida; escola e professor complementam esse preparo com o ensino escolar. Afinal, “não são os outros que vão prepará-lo para a vida. Não se delega a educação à escola ou a outras pessoas por um simples motivo: se houver uma ocorrência – policial, médica, emergencial (...) os responsáveis acionados serão os pais” (TIBA, 2012, p. 69).

O professor por sua vez, deve se comportar de maneira que não parecer ser omissos e sim recíproco. É fundamental que seja capaz de identificar as diferenças entre seus alunos buscando a melhor forma de conduzir os conteúdos.

Moço (2009) defende a ideia de que o professor deve trabalhar com conteúdos

relacionados às questões morais, ao convívio social, à cooperação mútua, de tal forma que essas abordagens possibilitem o estabelecimento de uma relação de respeito mútuo o que, conseqüentemente, inibirá manifestações de indisciplina, pois o aluno se sentirá valorizado e pertencente ao processo ensino aprendizagem.

Outra forma de prevenir a indisciplina é o exercício da autoridade do professor junto aos alunos.

Essa autoridade passa longe do autoritarismo e envolve questões, de cunho intelectual, ético, profissional e humano. No campo intelectual o professor exerce a autoridade sendo capaz de refletir, rever os pontos de vistas, não se fechar, demonstrar sabedoria no trato com a realidade dos espaços onde ministra suas aulas. No aspecto ético, o professor deve ter firmeza de caráter, compromisso com o bem comum, ter princípios e senso de justiça, dentre outros aspectos. (SANTOS, 2016, p. 07).

Entretanto, a partir dos conceitos apresentados, ficou claro o quão difícil é lidar com os termos de disciplina e indisciplina por se tornarem temas complexos e extensivos para discussão. Mas, foi importante levantar pensamentos de alguns autores que de certa forma contribuem para ensino-aprendizagem da educação atual.

3 ANÁLISE DE TESES E DISSERTAÇÕES

A construção de desenvolvimento do tema da pesquisa é sobre a indisciplina, levando em consideração que é tema bastante problemático que vai perpassando de geração em geração. Ao longo da pesquisa, percebi que a indisciplina é “como um fenômeno interacional, contextual e que pode acarretar prejuízos na aprendizagem individual ou coletiva e nas relações sociais, afetivas e pedagógicas no âmbito escolar”. (FRANZOLOSO, p. 173, 2011). Por isso fica notória a necessidade de construção do conhecimento com mais aprofundamento e cuidado acerca dessa questão.

O presente estudo tem como procedimento de pesquisa o levantamento bibliográfico da produção acadêmica relacionada ao tema no banco de teses e dissertações da CAPES, no período de 2015 a 2019. Os descritores utilizados para selecionar os trabalhos foram “alunos”, “indisciplina”, “ensino” e “fundamental”, e alguns filtros direcionados como “educação” e “ciências sociais”. Ao final da busca, alguns trabalhos foram selecionados para leitura e análise. Dos trabalhos selecionados para leitura mais aprofundada, estão as dissertações do banco de teses e dissertações (CAPES), disponibilizadas em quadro abaixo:

QUADRO 1 - Trabalhos selecionados na base de dados CAPES

TÍTULO	UNIVERSIDADE	AUTOR(ES)	ESTADO	ANO	TRABALHO DE CONCLUSÃO
1 – A indisciplina na escola: um estudo com os alunos de escola pública considerados indisciplinados	Universidade Federal de Rondônia	Sousa, Suelen Gomes de.	RO	2016	Dissertação
2 – Indisciplina na escola: uma análise do projeto boa conduta	Universidade Federal Juiz de Fora	Fagundes, Deiwson Silveira.	MG	2017	Dissertação
3 – Táticas e estratégias: uma desconstrução da noção de indisciplina no cotidiano escolar	Universidade Federal de Pelotas	Bugs, Vanessa Gonçalves.	RS	2018	Tese
4 – Indisciplina na escola: o que fazer?	Universidade Federal de Lavras	Yoshida, Cynthia.	MG	2019	Dissertação

Fonte: (CAPES, 2023).

3.1 Dissertação de Suelen Gomes De Sousa (2016)

Neste tópico será analisada a dissertação da autora Suelen Gomes de Sousa publicada no ano de 2016 tendo como título “A indisciplina na Escola: um estudo com os alunos de escola pública considerados indisciplinados”. O objetivo da autora com a elaboração desse trabalho foi analisar a indisciplina escolar a partir do ponto de vista do aluno apontado como indisciplinado, pois muitas vezes esse aluno é notado pela visão do professor sem ter a oportunidade de ser ouvido.

Sousa (2016) discute a ideia de que a indisciplina escolar tem sido o foco de várias discussões no campo educacional e também objeto de estudos e pesquisas de outras áreas, assim como na área da Psicologia. Alguns debates visam identificar as causas que levam os alunos a agirem com comportamentos indesejáveis por parte da escola.

A autora aponta a importância de refletir sobre os fatores que contribuem para o comportamento indisciplinado dos alunos; não culpando somente o aluno, a escola, a família, ou até mesmo adotar medidas paliativas para resolver uma questão complexa que se apresenta há algum tempo no contexto escolar.

A pesquisa realizada em uma escola pública no município de Porto Velho – RO. Onde foi realizado entrevistas grupais e individuais com alunos do 6º ano do ensino fundamental, considerados indisciplinados. Neste ambiente escolar, os resultados permitiram compreender que a indisciplina na escola está relacionada à falta de estrutura, materiais didáticos e gestão da escola.

Em entrevistas aos participantes, a autora trouxe diferentes versões apresentados pelos alunos envolvidos neste contexto de indisciplina. Na pesquisa, ela procurou explicar a indisciplina através do olhar do aluno considerado indisciplinado, também ouvindo relato do que o aluno tem a dizer e o que pensa. Essa questão de ouvir os alunos é essencial para compreender o real sentido de indisciplina ocorrendo no espaço escolar.

Sousa buscou relacionar sua pesquisa com referências de outros autores obtidos no Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e no Domínio Público questões relacionadas à indisciplina no qual apresenta a produção bibliográfica baseadas em teses, dissertações, livros e artigos dos anos de 2007, 2008, 2011 e 2012.

A primeira foi a pesquisadora Maria Lúcia Dondon Salum, da Universidade Católica de Santos, com pesquisa intitulada: “Indisciplina na escola: o que pensam professores e alunos”, ano 2007. Ela foca nas queixas dos professores e alunos relacionada a indisciplina a partir das

observações nas duas escolas particulares.

A segunda pesquisa é de Mônica Aparecida de Macedo Golda, Universidade de Tuiuti do Paraná, uma dissertação trazendo o título “A Indisciplina Escolar na perspectiva de alunos”, do ano de 2008. Nessa pesquisa, Golda apresenta uma investigação sobre a indisciplina na visão dos alunos da oitava série do Ensino Fundamental numa escola pública.

A terceira é do ano de 2011, a pesquisadora Paula Albuquerque da Universidade Católica de São Paulo, com o título “Indisciplina Escolar: um estudo os sentidos e significados de professores e alunos”, buscando compreender a experiência escolar relacionada a indisciplina atendendo as ações indisciplinadas.

E a quarta é de Doracy Gomes Pinto (2012), com a intitulada “Violência na Escola: a concepção de professores e alunos” do 6º ao 9º ano do ensino fundamental de uma escola pública de Itaqui-Bacanga de São Luís – MA. Nessa pesquisa, Pinto buscou identificar as manifestações e as diversas formas de violências no ambiente escolar, onde foi realizado o estudo, teve como objetivo investigar e caracterizar os tipos de violências mais comuns e assim designando os diferentes termos de violência e indisciplina.

É na pesquisa de Mônica Aparecida Macedo Golda que Sousa (2016) encontrou mais proximidade ao seu tema, pois apontava a perspectiva dos alunos; as outras três pesquisas têm o oposto da fala de alunos e professores. Portanto, essa constatação foi fundamental observar, visto que os dois lados ou as diferentes visões direcionada a indisciplina demonstra a necessidade de ampliar ainda mais as pesquisas tendo o “aluno” como o principal foco a ser discutido, pois é ele quem vai demonstrar aquilo que sente e vê, sendo protagonista neste contexto.

Além de Sousa ter estudado as pesquisas selecionadas, ela também traz as suas experiências vivenciadas na rede pública, registrando a necessidade de compreender a partir do aluno a manifestação de suas atitudes indisciplinadas. Em suas observações, é apontado a insatisfação dos alunos com os aspectos estruturais da escola, dificultando no desenvolvimento e aprendizagem nas atividades escolares.

Outro ponto a ser destacado é a ausência de diálogo entre os alunos e o corpo docente sobre os problemas que a escola enfrenta. A direção deveria realizar uma reunião com os estudantes para explicar o porquê a escola encontra-se desestruturada; uma vez que por trás disso existe uma burocracia política que dificulta o acesso aos recursos escolares.

Também foi observado na pesquisa os três tipos de violências que se relacionam com a indisciplina dos alunos: “violência à escola” - exemplo do aluno quando não é escutado pela gestão e professor, ele faz o protesto queimando o ventilador por conta da sala que estava em

num ambiente quente e desagradável; “violência na escola” - é o fato de haver discussões entre dois alunos por motivos pessoais seja em qualquer lugar na instituição; e a “violência da escola” - que exemplifica o fato dos alunos serem vítimas de racismo e exclusão social. (CHARLOT, 2002).

Em suma, a escola em que estes alunos considerados indisciplinados estudam parece não estar garantindo o acesso ao saber escolar, à cultura, ou seja, não está produzindo humanidade. Sem a apropriação do saber, sem a mediação do professor, o aluno não constrói a atividade de estudo, assim, o estudo não adquire um sentido pessoal. (SOUSA, 2016, p. 71).

Em síntese, por mais que tenha falhado, a função da escola é produzir o saber sistematizado, nisso entendem-se todos os conteúdos necessários para produzir humanidade e nos tornar humano. Ao sistematizar a disciplina facilita o processo de ensinar e aprender, mas para isso é preciso de qualidade de ensino, boa estrutura física e atividades mais atrativas, caso contrário, o aluno não vai conseguir se relacionar com o professor de modo respeitoso ou até mesmo não vai despertar o desejo de estudo para ser alguém na vida e ter uma formação consciente.

3.2 Dissertação de Deiwson Silveira Fagundes (2017)

A segunda dissertação utilizada para compor este trabalho é a de Deiwson Silveira Fagundes cujo tema se apresenta como “Indisciplina na escola: uma análise do projeto boa conduta”, publicada em 2017. Esta pesquisa se realizou na Escola Estadual Professora Carmem Lúcia, localizada em um município da região do Vale do Rio Doce, em Minas Gerais. Fagundes traz como objetivo levantar as causas da indisciplina que levaram a criação do Projeto Boa Conduta e assim mapeando os significados, valores e hierarquia dentro do projeto. Com o mapeamento do projeto e estudo da realidade escolar, permitiu-se compreender os problemas que podem prejudicar a comunidade escolar, além dos fatores que possibilitam o surgimento da indisciplina.

De qualquer forma o estudo aprofundado sobre o Projeto Boa Conduta está mais ligado a fragilidade da proposta pedagógica da escola, e é o foco principal do Projeto para discussões. Com essa fragilidade pedagógica fez com que os professores buscassem as formas de melhorar a disciplina no ambiente e assim buscando outros conceitos sobre a indisciplina através dessa fragilidade de ensino.

Com a análise do Projeto Boa Conduta, Fagundes utilizou-se a referência teórica da obra

“Vigiar e Punir”, de Michel Foucault de 1988, como uma forma de abranger mais o conhecimento acerca do tema discutido. Nas palavras desse autor “[...] o poder está em toda parte; não porque englobe tudo, e sim, porque provém de todos os lugares.” (FOUCAULT, 1988, p. 103). Apesar da desigualdade, este autor defende as relações de forças que levam estados de poder sempre localizados e instáveis. Além de Foucault, Fagundes traz outras contribuições de pesquisadores como Aquino (1996) e Garcia (2009), o estudo deles é voltado para a área da educação e tratam da representação dos professores sobre a questão da indisciplina escolar.

Fagundes aponta a ideia de Aquino (1996) de despertar curiosidade no aluno, sendo uma forma eficiente para mostrar como determinada questão está presente na rotina do aluno, como por exemplo, na aula de matemática aprendemos nela a contar, e com essa contagem aprenderemos a quantidade de coisas, objetos e pessoas, por isso sem a matemática não é possível aprender e concluir as atividades básica e essências no nosso dia a dia.

Crianças e jovens, por incrível que pareça, são absolutamente ávidos pelo saber, pelo convite a descoberta, pela ultrapassagem do óbvio, desde que sejam convocados e instigados para tanto. Tudo depende, pois, da proposta por meio da qual o conhecimento é formulado e gerenciado neste microcosmo que é cada sala de aula (AQUINO, 1996, p. 52).

E em relação ao pensamento do pesquisador, acredita-se que a fragilidade do trabalho pedagógico estimula a deficiência do processo educativo do aluno e as suas próprias representações e ações. Como bem observou Garcia (2009, p. 315): “[...] as representações dos professores nos informam sobre como pensam suas práticas, além de exercer um papel importante na orientação das suas ações”.

A dissertação de Fagundes foi composta por três capítulos: no primeiro são apresentados o caso e os obstáculos enfrentados pela gestão na implementação do Projeto Boa Conduta na Escola Estadual Professora Carmem Lúcia. Fala também sobre a postura da equipe gestora diante dos desafios impostos pela demanda por acompanhamento dos alunos considerados “indisciplinados”, e as ações implementadas no sentido de solucionar as crises. No segundo capítulo, o Projeto Boa Conduta é analisado segundo o conceito de disciplina na concepção de Foucault (1999); por meio das análises de dados coletados, foi analisada a visão dos professores, alunos e gestor sobre essa importância do Projeto que tem como objetivo de solucionar as decorrências de indisciplina da escola. No terceiro capítulo, propõe um Plano de Intervenção a ser praticado pela escola para corrigir as fragilidades detectadas no Projeto e na proposta pedagógica analisada.

Esse Projeto Boa Conduta foi criado no ano de 2009, em uma reunião pedagógica com a tentativa de amenizar os conflitos decorrentes de indisciplina, relatados pelos próprios professores, nos quais reclamavam da falta de disciplina dos alunos que chegavam na escola sem uniforme, atrasados, ou não realizavam as atividades em sala de aula, permanecendo “rebeldes” e se mostrando “desrespeitosos” e “agressivos”.

O desejo dos professores sobre esse Projeto foi construído para criar um ambiente organizado que eles pudessem ter a capacidade de controlar a sala. O autor em sua dissertação cita o trecho de Foucault:

O poder é o que reprime a natureza, os indivíduos, os instintos, uma classe”, ou seja, o professor é a autoridade da sala de aula que tem o poder de controlar o ambiente desorganizado, pois mais que falhe, é preciso tentar impor o controle, a vigilância e os castigos nos alunos. (FOUCAULT, 1977, apud FAGUNDES, 2017, p. 59).

No início do ano letivo de 2009, a direção da escola teve a ideia de reunir os professores e profissionais da educação para criar um projeto disciplinar e chamaram os alunos do ensino fundamental e ensino médio para construir essa proposta, e a partir disso definir o que seria o ato indisciplinar e sua gravidade, desse modo, poderá ajudar a melhorar o ambiente, colocando a disciplina em prática e respeitando os colegas.

Por meio da votação, foi estabelecido que seria o ato indisciplinar e qual a sua gravidade, a partir disso, o atraso do aluno passou a tornar uma falta leve, e uma agressão física ao colega passou a tornar-se uma falta grave, por isso é essencial a participação dos alunos que deu a legitimidade ao projeto.

Na oportunidade de construir o Projeto, os professores relatam que é mais um desafio a ser enfrentado para tentar mudar o cenário de seus alunos considerados “indisciplinados”. Diante desta dificuldade de executar o trabalho pode ser que tem a ver com as suas próprias ações pedagógicas. Culpabilizar os alunos? A partir da criação do Projeto, é preciso colher informações da comunidade escolar e analisar com cautela, para assim contribuir melhor o trabalho do professor, equipe gestora e pedagógica, e conseqüentemente o estudo do surgimento do projeto.

Fagundes percebeu que os jovens e as crianças são bem curiosos em relação a descoberta do conhecimento pelo saber e pelo convite, por isso a importância de aguçar a curiosidade, cabe os professores criar uma nova maneira de instigar a curiosidade dos alunos que os levam assim para o caminho da reflexão e participação.

Os professores que consideravam os tais atos dos alunos como indisciplinados, em sua

maioria das vezes estavam relacionados a conversa em sala de aula, ociosidade dos alunos, falta de uniforme e atrasos, exigindo que os alunos se enquadrassem ao Projeto, os professores poderiam manter suas práticas inalteradas. A visão sobre o conceito de indisciplina encontrada no ambiente escolar pode ser um equívoco, e também os professores podem estar confundindo as suas práticas pedagógicas fragilizadas, com a indisciplina.

Fagundes utilizou o estudo de caso como metodologia para levantar os dados de sua pesquisa; através de entrevistas com o gestor, pedagogo, professores e de um grupo de alunos. Com a utilização dos instrumentos de pesquisas, pode ser possível aprofundar a compreensão do problema que são o “conceito de indisciplina” e a “fragilidade da proposta pedagógica”.

Há dois eixos nesse processo de coletas de informações, o primeiro eixo é o conceito de indisciplina em que pode haver uma confusão na compreensão do comportamento dito como inapropriado do aluno. O fato do aluno está desinteressado nas aulas pode indicar uma falha na abordagem pedagógica dos professores e não indisciplina. E o segundo eixo, é a fragilidade da proposta pedagógica tendo o objetivo de avaliar como está sendo o trabalho pedagógico da escola. Com essa avaliação haverá a necessidade de uma reformulação na prática pedagógica.

Fagundes se baseia na perspectiva conceitual sugerida por Estrela (1992) para conceituar o termo indisciplina. “A indisciplina pode ser pensada como negação da disciplina. Neste contexto, a indisciplina seria uma inconformidade às regras estabelecidas pelo grupo, ou transgressões que perturbam as condições necessárias para que ocorra a aprendizagem”. (ESTRELA, 1992, p. 17).

A escola por sua vez, afirma que a relação entre professores e alunos deve ser construída por uma construção coletiva. A ausência de bases democráticas, ou seja, a ausência de participação efetiva dos alunos, pode desencadear resistências e contestações por parte deste segmento. Desta forma, Garcia (1999) explica que:

A ausência de bases democráticas no modo como se articulam as relações entre professores e estudantes no interior da escola, por exemplo, pode desencadear resistência e contestação por parte dos estudantes aos próprios esquemas da escola, o que deve ser considerado uma expressão de indisciplina carrega uma legitimidade e pertinência difíceis de negar. (GARCIA, 1999, p. 102).

Segundo o PPP da escola, os princípios políticos são:

Reconhecimento dos direitos e deveres de cidadania, de respeito ao bem comum e à preservação do regime democrático e dos recursos ambientais; da busca da equidade e da exigência de diversidade de tratamento para assegurar a igualdade de direitos entre os alunos que apresentam diferentes necessidades. (EEPCL, 2016, p. 10).

No entanto os professores entrevistados não têm conhecimento sobre a concepção

pedagógica no qual dominam o PPP, pois para eles só funciona como mera formalidade, ou seja, não utilizam como suporte para uma concepção pedagógica que oriente a proposta ou o trabalho deles. Muitas vezes, nas reuniões pedagógicas, os professores se limitam ao senso comum e isso pode ser um dos fatores do surgimento do Projeto. Além dos relatos dos professores com a falta de apoio pedagógico, os alunos relatam que algumas aulas se mostram de baixa qualidade.

De acordo com a dissertação de Fagundes, a ideia da criação do projeto por profissionais da educação se impulsionou pelo fato de sentirem-se incomodados com as ocorrências surgindo na escola como a falta de uniforme, os atrasos, ou as atividades não realizadas. E também tem a colaboração de alguns alunos que aceitaram a ideia da proposta, por isso a criação do projeto produz sentido que moldam comportamento com a intenção de disciplinar os alunos. Existe outro sentido desse Projeto é aceitabilidade do aluno, por mais que o aluno tenha dificuldade de adaptação por conta de faltas ou outros motivos. A punição dentro do Projeto faz parte não somente no processo educativo, mas também da convivência humana, fazendo que o aluno possa aprender a conviver com a sociedade futuramente, quando fazemos esse ato de conviver com os humanos passamos a mudar a nossa forma de convívio seja ela por ações, reações, entre outros.

O Projeto Boa Conduta é descrito no Projeto Político Pedagógico (PPP) como ferramenta de auxílio à proposta pedagógica. Segundo o PPP, o Projeto visa trabalhar a compreensão de direitos e deveres pelo aluno para sua futura formação como cidadão consciente e participativo. Esta fragilidade do PPP, para embasamento teórico do Boa Conduta, não se restringe apenas a esse Projeto, abrange também o trabalho do professor em sala de aula. Assim, a liberdade das concepções pedagógicas encobre a falta de uma direção. Os professores trabalham conforme seus conhecimentos alcançados no processo de formação, e de suas experiências adquiridas no decorrer da carreira, mas este trabalho não é norteado pela proposta pedagógica.

Sabe-se que a escola é um lugar de concepção, realização e avaliação, seguindo nessa perspectiva, é importante que os professores e pedagogos se dediquem à construção de conhecimentos para os seus alunos de forma permanente, inserindo e trazendo mudança nas suas ações idealizando o projeto pedagógico em ressonância com a realidade. Porém, na Escola Estadual Professora Carmem Lúcia percebe-se que esse instrumento é desvalorizado. Por isso, a Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais teve ideia de exigir a reformulação do PPP a cada dois anos para discutirem com a comunidade a proposta a serem inseridas no PPP.

Ratto (2007) acredita que quanto mais se busca disciplina com os usos de dispositivos

disciplinares nas salas de aulas mais o ambiente cria a indisciplina:

Quanto mais se define, se esquadrinha, se busca produzir e controlar a criança disciplinada, mais se abre o campo de emergência para as crianças indisciplinadas, das que a qualquer momento podem não se enquadrar, não se adaptar, negar ou não corresponder aos padrões que estabelecem a criança disciplinada. Sendo assim, a escola produz sua indisciplina diária. (RATTO, 2007, p. 501).

Garcia (1999) sugere a ideia de construir o processo de aprendizagem de forma aconchegante, mesmo que os conflitos já estejam instalados. Cabe ao professor saber gerenciar o ambiente, motivando os alunos e criando uma atmosfera de aprendizado. “Alguns estudos mostram que sobretudo as estratégias para prevenir a indisciplina devem englobar as relações complementares entre a motivação dos estudantes e os seus processos de aprendizagem”. (GARCIA, 1999, p.104).

A Escola Estadual Professora Carmem Lúcia optou pelo caminho de regime disciplinar, ainda mais por conta de ser mais econômico. Mesmo com a tentativa de agradar os profissionais da escola em relação a implantação do viés punitivo, o projeto indica falhas. Assim, os eventos considerados pelos professores como atos indisciplinados deveriam ser utilizados por estes como objetos de planejamento. Cada momento de conflito deveria ser trabalhado de forma pedagógica, com a finalidade de melhorar a convivência, e partir disso caberia ao professor avaliar a importância da continuação das atividades ou uma possível intervenção.

Em resumo à dissertação de Fagundes, concluiu-se que o Projeto Boa Conduta não atingiu a meta, pois o viés punitivo cria uma situação desfavorável, a partir do momento em que o aluno se sente incomodado com a punição dificulta ainda mais o diálogo ou feedback do processo de ensino aprendizagem pelo professor. Com a criação do Projeto foi descoberto a fragilidade da proposta pedagógica e o sentido da indisciplina presente na Escola Estadual Professora Carmem.

Outra situação observada na escola refere-se ao espaço físico da instituição, onde é preocupante por conta da quantidade de alunos que ocupam o espaço de lazer. Ou seja, são limitados, pois não há espaço suficiente para todos os alunos brincarem, os espaços públicos são utilizados para o desenvolvimento das aulas da Educação Física. Com esse tipo de situação de vulnerabilidade existem poucas oportunidades de diversão para os jovens, as reclamações eram constantes no município, pois traziam consequências para a formação desses jovens.

3.3 Tese de Vanessa Bugs Gonçalves (2018)

O terceiro trabalho utilizado é intitulado “Táticas e estratégias: uma desconstrução da noção de indisciplina no cotidiano escolar” da autora Vanessa Bugs Gonçalves, ela desenvolveu o seu trabalho de estágio final de graduação do Curso de Pedagogia. Esse trabalho foi realizado nas escolas da educação infantil, fundamental e médio na rede de ensino no município de Pelotas- Rio Grande do Sul das instituições públicas e privada.

A indisciplina vista na escola era frequentemente trazida para o debate entre os outros colegas que também estagiavam no local; apontavam ideias de combater aquela recorrência que era praticada e consideravam como um problema. Pois na maioria das reuniões, a maior preocupação era sobre a indisciplina diante dos relatos que observavam e ouviam.

Gonçalves teve interesse de trabalhar esse tema de indisciplina para entender de perto como é o cotidiano escolar de onde fez o estágio obrigatório; a partir de então, buscou conhecer a escola e seus alunos, para assim tirar a sua própria conclusão. Portanto, a indisciplina é vista de forma diferente, seja aquela que condena o aluno e cria os modos de ser do aluno, e/ou talvez fosse um discurso distorcido, ou seja, a maneira como julgam o aluno, no sentido do viés moralizante.

Os procedimentos metodológicos utilizados para realizar o trabalho de Gonçalves foram as observações em relação ao cotidiano dos alunos, onde foi possível identificar as táticas dos alunos e das alunas no cotidiano escolar, a pesquisa foi sendo produzida a partir das conversas com os estudantes.

No estágio curricular, durante a observação, a professora apresentou cada aluno e explicou um pouco sobre a realidade familiar deles. Portanto, a mesma acredita que a que a conduta de seus alunos considerados indisciplinados vem de suas famílias, pois a maioria dos alunos vivem com pais alcoólatras, assassinos, entre outros.

Segundo a professora, a razão do surgimento da indisciplina no ambiente consistia na falta de cuidado e educação por parte da família, e suprimindo essa falta, poderiam deixar de serem indisciplinados, tendo a capacidade de se tornarem adultos conscientes, reconhecedores de seus atos, do que o que é certo e errado.

Entendendo a indisciplina no âmbito do aspecto moral, Garcia (2002) analisa os discursos pedagógico-críticos:

São discursos que tanto propõem problematizações morais da ordem social, de como a ordem social deve e deveria ser tendo por fundamento determinados princípios e valores morais, que se relacionam consigo mesmos e uns com os outros de um modo

moral e com certa representação moral da sociedade. Os indivíduos serão mais ou menos (auto) conscientes e (auto) críticos, mais ou menos ingênuos ou alienados, segundo sua maior ou menor adesão a determinadas leituras do mundo social e projetos políticos específicos. São discursos que propõem certas formas de experiência de si (as relações que o indivíduo deve ter consigo mesmo) e de experiência com os outros. (GARCIA, 2002, p.21).

Com a normalização das condutas nas escolas, cria-se um padrão como algo normal e já acostumado a conviver com esse tipo de situação encontrada no ambiente escolar, se caso o aluno agir de modo errado, as possibilidades de ser advertido são muito maiores, a solução nos quais acreditam é dar ordem. Nem sempre o aluno é chamado de indisciplinado na escola, os que são chamados de indisciplinados muitas vezes também são chamados de sem limites, agitados, desobedientes, e entre outros.

Gonçalves optou por trabalhar e explorar com os alunos diante das suas inventividades, também estava atento a relação do professor-aluno e outros agentes escolares, mas o foco principal desta pesquisa era identificar como os alunos escapavam das estratégias dos dispositivos disciplinares. A observação era a melhor maneira de recolher informações do aluno subversivo tendo como a finalidade de identificar e analisar suas táticas frente às estratégias que possibilitou observar os modos de vida e de ação frente o instituído.

Os aspectos contextuais das escolas do Ensino Infantil, Fundamental e Médio possuem suas características distintas. A primeira análise da educação do Ensino Fundamental, Gonçalves concentrou-se em conversas e observações aos alunos que estavam presentes seja no recreio, saída e corredores, possibilitando uma conversa mais informal, sobre o que pensam da escola e suas vivências na escola, permitindo com que o aluno refletisse sobre suas ações.

A segunda análise da educação do Ensino Médio, é a única escola trazida para a tese, no que se trata da experiência de trabalho de Gonçalves, justifica-se pela peculiaridade, sendo que um dos seus focos é o protagonismo devido as suas condições diárias e proposta pedagógica.

E a terceira análise da educação do Ensino Infantil, Gonçalves traz observações do cotidiano dos alunos, esteve também em algumas escolas observando a prática de futuras professoras, o que percebeu nela foram os atos disciplinadores dos alunos da educação infantil.

As análises que Gonçalves traz sobre a escola do ensino fundamental, tendo observado de como era a circulação dos alunos na frente ao prédio; apresentou diferentes situações como por exemplo, os alunos maiores são capazes de ir à sala sozinho, eram capazes de romper a fila. Já os alunos menores de 1º e 5º ano necessitavam do acompanhamento de seu professor para levar até a sala de aula. No pátio da escola, Gonçalves se apresentou para os alunos que

chegaram para conversar e explicou o porquê estava presente naquela escola, após isso, ouvia cada relatos e apontamentos dos alunos que os consideravam como indisciplinados. Na questão de roupa curta, era proibida para as alunas maiores, e algumas delas quebravam essa regra, para elas lhe causavam uma revolta.

Por mais que haja regras morais que visam padronizar e a cercear as condutas, as desconstruções estão cada vez mais presentes no cotidiano escolar, pois através das observações de Gonçalves na escola, algumas alunas relatam que são contra a regra imposta e também já demonstraram ruptura do pensamento padrão. Há um outro aspecto levantado que é a questão da proibição de beijo; o lugar apropriado para romper a regra era na rampa onde que os monitores da escola impossibilitem de os verem ou raramente de ir até o local. Enfim, algumas regras impostas pela escola faziam com que os alunos e as alunas usassem suas táticas e estratégias em quebrá-las escapando da racionalidade proposta pela instituição.

As professoras entrevistadas relatam que a família não sabe educar seus filhos e passam dos limites, pois os próprios pais acobertam o problema das crianças, dando a entender como agitação. Outro exemplo que as professoras relatam é a falta de ensinamento dos pais com os filhos, pois os alunos não sabem nem se portar a mesa para ter uma refeição prazerosa.

Diante desse e outros relatos, as professoras têm o discurso extremamente moralizante em relação as famílias e aos alunos, e que há uma espécie de culpabilização das mães em relação à educação dos filhos por não ter a sua própria identidade, além disso, a conduta das mães pode se referir ao comportamento agitado das crianças na escola. Outra professora relata um dos problemas que lhe estressa, é o fato das crianças ter vindo de uma família desestruturada, que é normalmente trazido nos cotidianos das escolas.

Aquino e Sayão (2004, p. 62-63) relata crítica sobre a criança ter vindo de uma família desestruturada: “A escola quer é tornar-se a segunda família de seus alunos. Não é à toa que o professor adora quando o aluno vem e o abraça, beija, expressa afeto amoroso. É assim que o professor se sente reconhecido e querendo ser família, a escola deixa de ser escola”.

No conjunto das entrevistas da pesquisa com as professoras das escolas de Educação Infantil, elas têm seu discurso muito omissivo em relação aos que falam da família e da educação das crianças. Certamente, a falta de base familiar produziria uma sala de aula agitada e sem limite, e pode acabar estimulando de forma negativa no ambiente escolar na vida dos alunos e professores.

Quanto ao discurso da professora que diz que dá o melhor pelos seus alunos, aproxima de uma pesquisa de Penna (2012) em relação as práticas pedagógicas:

Para as professoras, a disciplinarização e a moralização das crianças destacaram-se como o cerne do trabalho a ser por elas realizado, no qual devem transformar seus alunos em pessoas melhores e mais civilizadas. Dessa forma, para elas, é importante ensinar aos alunos o esforço individual, a disciplina, valores religiosos e morais, regras de higiene, regras relacionadas ao bom comportamento sexual, coisas que os alunos não possuem, mas elas sim (PENNA, 2012, p. 835).

Na educação infantil reflete o modo como os alunos não reagem diante da imposição das professoras, nesse aspecto é possível identificar as marcas disciplinares e relações autoritárias e verticais. Através dessas imposições vão produzindo nos alunos condutas tidas como forma corretas nas relações com os professores e com a instituição, suprimindo outras manifestações que, por serem consideradas fora da norma, são mais fáceis de solucionar: silenciamento, castigo, mandar para o final da fila etc.

Sobre a tática do aluno, é possível identificar que família é apontada pela escola como sendo a responsável por produzir seu filho como sem limite e agitado. As professoras atribuem estresse na rotina escolar em função das crianças que, para elas, os seus alunos estão cada vez mais sem limites, segundo elas, essa falta de limite vem da oriunda família desestruturada.

No ponto de vista de Gonçalves, as proibições não visam uma mudança ideal para os alunos, pois o controle que se quer e que pretende ter em sala de aula deve estar longe de visar a criação do conhecimento, muito pelo contrário, impede as novas formas de seus alunos a conviver o cotidiano escolar, dificultando ainda mais estabelecer as relações do aluno com os professores, colegas, conhecimento, saberes, etc.

E as análises da educação do ensino médio, diferentemente da escola do ensino fundamental, não havia proibição de roupas, e nem houve ocorrência que as alunas tivessem com roupas curtas quando Gonçalves trabalhou naquela escola. Em relação ao namoro era autorizado, ou seja, a escola adotava como algo comum na vida dos jovens, uma vez que a sala de aula era entendida como um local para o aprendizado, somente no intervalo e tempo livre era permitido o namoro. Talvez, por conta de impedir aumento de ocorrências como por exemplo fugas para namorar escondido, e essa escola mostra como é a relação com o poder, tentando assim produzir seu aluno o autocontrole e consciência. Porém, mesmo com seus benefícios ainda sim, havia as ocorrências como as fugas para namorar, não que seja explicitamente proibida, pois não havia proibição sobre isso.

Conseqüentemente, essa estratégia podemos perceber que tem um viés moralizante e sexista, pois nesse sentido a instituição cria um tipo ideal de conduta no qual produz os seus alunos aquilo que está fora de suas regras morais, a escola particular traz essa ideia de autocontrole para seus alunos, e assim possam ter o momento de aprendizagem e outro

momento livre.

Compreendo que a disciplina escolar tende a ser paradoxal e moralista em seus critérios morais, acredita-se que os critérios nem sempre são coerentes, deste modo, os julgamentos morais ditam como deve ser a conduta dos alunos e, inclusive, das famílias, priorizando os cerceamentos com base em idealizações de como devem ser e agir.

Sobre esta temática relacionada a indisciplina, a autora da tese postulou de que as conversas com os alunos considerados indisciplinados pela escola eram necessários para o entendimento e reflexão sobre o tema, não somente na visão do professor, mas incluindo também na visão dos alunos. Com tudo isso, foi possível identificar as táticas dos alunos frente às normas, pois há algumas práticas exercidas pelos alunos que são repreendidas e abominadas na escola, sejam essas táticas negociações, recusas, resistências, enfim, múltiplas possibilidades e invenções frente às estratégias.

3.4 Dissertação de Cythian Yoshida (2019)

A quarta dissertação trabalhada foi publicada em 2019 tendo como título “Indisciplina na escola: o que fazer?” sob autoria de Cythian Yoshida da Universidade Federal de Lavras de Minas Gerais. A autora deu início a origem do trabalho com inúmeras situações vivenciadas na escola relacionados à educação dos alunos. Esses problemas começaram a incomodá-la juntamente com outros professores, ficando preocupados com o futuro dos estudantes diante da indisciplina que ocorria no ambiente.

A escola estudada por Yoshida fica localizada na zona rural em um município do interior de Minas Gerais, que atende alunos dos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental, na qual faz parte do corpo de docentes atualmente.

O objetivo da pesquisa é investigar quais estratégias podemos utilizar para lidar com as decorrentes de condutas dos alunos classificados como indisciplinados. Yoshida realizou a pesquisa numa escola do campo onde todos os profissionais lhe deram apoio abrindo espaço para as possibilidades ao desenvolvimento da pesquisa. Alguns conceitos foram analisados para dar embasamento à pesquisa, tais como: disciplina, indisciplina, autoridade, autoritarismo, liberdade, licenciosidade, limites, opressão, preconceito, entre outros.

A metodologia utilizada para o desenvolvimento da pesquisa foi teórico-empírica de caráter qualitativo por envolver análise de documentos e coleta de dados, para isso foi necessário utilizar as técnicas de observação. E assim, foi realizado a pesquisa qualitativa para envolver as abordagens sociológicas, inclusive a pesquisa participativa parcial em parceira com

os educadores da escola.

Por ser uma escola de campo, Yoshida aponta problemas sociais e estruturais na realidade dos alunos:

A escola, acolhe estudantes de famílias menos abastadas, em que muitos pais têm pouca ou nenhuma escolaridade. Percebemos que a estrutura familiar não consegue dar o amparo que crianças e adolescentes precisam para seu pleno desenvolvimento. Existem problemas nas vidas e nas pessoas que compõem essa estrutura, tais como: pais separados, que têm outros relacionamentos amorosos, pais envolvidos em alcoolismo, crianças criadas por irmã ou irmão, avós ou tias, irmão mais velho que violentou os mais jovens, crianças novas se envolvendo com bebidas e drogas, entre outros casos. (YOSHIDA, 2019, p. 19).

É bastante comum os professores se queixarem diante das ocorrências acontecendo na escola. Por essa razão, Yoshida desenvolve a pesquisa para buscar compreender a realidade, conhecer melhor os educandos e utilizar as estratégias em lidar com os conflitos considerados como indisciplina pela escola, como por exemplo, a intervenção do minicurso para a formação dos professores, e por meio desse minicurso, foram discutidas as práticas pedagógicas e foi possível fazer novas práticas.

A autora apresenta o referencial teórico tendo como base obras e artigos de Paulo Freire, Miguel Arroyo, Inês Teixeira, Júlio Groppa Aquino, Bernadete Gatti, Maria do Socorro Silva, Maurice Tardif, Roseli Salete Caldart, dentre outros.

Ao decorrer dos anos, a pesquisadora Yoshida vem tendo um marco significativo na sua vida e na prática docente. Ela acompanha a educação à vários anos e vem observando os professores com reclamações frequentes, angustiados e questionando-se sobre o desinteresse e a conduta indisciplinada dos jovens.

Yoshida acredita que as angústias dos profissionais da educação se mostram de forma generalizada. Aquino (2016) aponta que os “*distúrbios disciplinares*” não acontecem esporadicamente no cotidiano escolar nas escolas brasileiras, mas tornaram-se “*um dos maiores obstáculos pedagógicos dos dias atuais*”. E que, ao contrário de alguns, a maioria dos educadores não consegue contrapor a conduta indisciplinada.

A conduta dos estudantes merece ser estudada e debatida de forma abrangente, quando os estudantes e professores não conseguem entrar no consenso dialógico, é preciso repensar a sua prática e reestabelecer a relação perdida entre a fala e a escuta. Em razão disso, a prática docente tornou-se, segundo Teixeira (2014),

uma maneira de refletirmos sobre nossos fazeres e afazeres na escola e na sala de aula, tão densos, tensos e intensos nesses tempos de tantos desafios que enfrentamos como

professores. E também é uma forma de trocarmos nossas experiências exitosas e felizes e as frustrantes e sofridas na docência, pois somos isso e aquilo ao mesmo tempo. (TEIXEIRA, 2014, p. 13).

Yoshida afirma que algumas literaturas revelam que “*a prática de transgressão e a rebeldia estudantil é tão velha quanto a escola*” (LOPES e GOMES, 2012, p. 262). A pesquisadora abre os parênteses para esclarecer que a transgressão e a rebeldia podem não ser uma prática negativa, e sim um espaço legítimo dos estudantes para a participação e luta social. Por outra perspectiva, as condutas indisciplinadas podem causar prejuízo para o desenvolvimento de si mesma e a turma.

As questões estruturais familiares de alguns estudantes as quais refletem seu comportamento e a maneira como reagem em determinadas situações como o silêncio e rebeldia, faz com que os professores percam a paciência, e por vezes podem acabar envolvendo em grande conflito com os estudantes. Com toda essa complexidade, é preciso entender como está sendo a qualidade da educação do professor e do aluno.

A hipótese levantada pela autora é uma tentativa de amenizar os problemas com a indisciplina que seria por meio de uma formação continuada através de minicurso, para estudar, debater e refletir essas questões. A partir de então, serão necessário a reformulação da pratica pedagógica e novos afazeres para deixar o ambiente mais propicio.

A educação de qualidade se baseia como um espaço de organização, condições de trabalho, o currículo, a formação e profissionalização docente. Bem como “a educação se articula a diferentes dimensões e espaços da vida social sendo, ela própria, elemento constitutivo e constituinte das relações sociais mais amplas”. (DOURADO e OLIVEIRA, 2009, p. 202).

A educação abrange constante discussões por ser um direito social, uma delas a tratam como se o aluno fosse mercadoria, e não se deve comparar e muito menos colocar em prática a esse tipo de situações. A pesquisadora pontua que a organização da escola não pode ser a mesma da empresa, é preciso de fato refletir a sua prática pedagógica diante do problema. E ressalta também a importância de a escola permitir uma construção de convivência pedagogicamente saudável.

Conforme Freitas (2014, p. 1093),

os reformadores empresariais da educação ampliaram a função da avaliação externa e deram a ela um papel central na indução da padronização como forma de permitir o fortalecimento do controle não só sobre a cultura escolar, mas sobre as outras categorias do processo pedagógico, pelas quais se irradiam os efeitos da avaliação, definindo o dia-a-dia da escola.

Em determinadas situações e relatos dos estudantes, os professores se sentem inseguros em relação a mudança que venha ocorrendo, justamente a essa mudança não dá para usar as mesmas estratégias para educar, assim como a educação dos pais que vem de uma cultura opressora e hierárquica não serve para conduzir seus filhos. Dessa forma, é essencial a escola perceber que os pais e estudantes têm suas razões históricas e conjunturais, o que pode se tornar ainda mais difícil se libertar dessa cultura.

Nesse sentido, é necessário ter uma pedagogia onde os alunos possam dialogar com os professores; e trazer a realidade em que vivem pode chamar sua atenção em assuntos compostos na grade curricular da escola. Por isso, é essencial que o professor coloque o diálogo na prática com os estudantes, procurando saber o que o aluno traz de conhecimento para a partir de então planejar as próximas atividades.

De acordo com a evolução da sociedade, a contemporaneidade permite que os professores e os demais profissionais da educação libertem dos velhos paradigmas criando uma nova maneira de pensar e agir, por mais que ainda existem a chamada prática conservadora na escola, é preciso repensar a forma de conduzir a aula.

Yoshida afirma que as relações humanas podem se estabelecer com diálogo, troca de experiências e o preparo profissional, é necessário analisar a convivência pedagogicamente saudável entre o professor e aluno. É como Teixeira (2011, p. 20) acredita sobre as realidades históricas que podem ser superadas: *“Buscar os caminhos das soluções, criá-las e recriá-las, coletivamente, refazendo as bases das interações entre adultos, adolescentes e jovens no interior da escola e no presente, é um desafio que se sobrepõe aos demais”*.

Diante das inquietações de Yoshida e de outros professores quando se trata dos problemas relacionados à indisciplina na escola, foi possível realizar o plano de intervenção no minicurso com o objetivo de encontrar meios que permitissem conviver melhor com esses conflitos, assim como melhorar a relação da escola com os estudantes. No minicurso, foi discutido as suas práticas pedagógicas com professores, numa relação dialógica com trocas de experiências. Em seguida, Yoshida elaborou um quadro resumindo os oito momentos durante o minicurso, em tempo de extraclasse sem os alunos:

Momentos	Programação
1º	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação do plano • Convite • Um pouco sobre a minha prática docente e meu problema de pesquisa • Roda de conversa sobre condutas indisciplinadas de estudantes
2º	<ul style="list-style-type: none"> • Diálogos sobre a docência • “Formação de professores no Brasil: características e problemas” e “Por uma política de formação de professores” textos de Bernadete Gatti de 2010 e 2018, respectivamente • Valorização da docência e avaliação do trabalho docente (Gatti, 2013)
3º	<ul style="list-style-type: none"> • Nossas experiências como estudantes e agora como professores/as. Textos de base: Inês Teixeira
4º	<ul style="list-style-type: none"> • A comunidade e a nossa escola do campo (que de campo nada tem) • Dialogicidade, amorosidade. (Inês Teixeira, Paulo Freire)
5º	<ul style="list-style-type: none"> • “Trajetórias escolares no olhar dos educandos”. Ref.: Miguel Arroyo
6º	<ul style="list-style-type: none"> • “Escolhas da vida” (curta metragem para reflexão) • Aprendendo com a Arte
7º	<ul style="list-style-type: none"> • “Há escolas que são gaiolas. Há escolas que são asas” (Rubem Alves) • Texto de Paulo Freire para reflexão
8º	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação do Minicurso • Hora de despedir

A autora fez o convite para a participação do Minicurso chamando todos os professores para essa reunião, iniciou relatando o porquê da realização do minicurso que se trata da sua pesquisa para o Mestrado que envolve a escola do Ensino Fundamental em que lecionam, apontando os seus objetivos com o estudo.

Yoshida questionou os profissionais se já se depararam com os alunos considerados indisciplinados e todos afirmaram que é o maior problema que se encontra dentro da educação no atual momento; as condutas citadas por eles: falta de interesse, conversas paralelas, falta de respeito, bagunça, barulho. Questionou também como faz para evitar a indisciplina, uma das respostas é a proibição de celular na sala de aula. Yoshida afirma que esse pensamento traz traços muitos conservadores em que proíbe o uso da tecnologia, pois temos a nova forma de fazer as aulas mais atrativas para ensinar e aprender.

Há outro relato dos professores em relação ao problema de indisciplina é a falta de participação da família na vida dos jovens. Segundo eles, se toda família tivesse participação na vida escolar dos filhos, as questões disciplinares na escola se tornariam mais fáceis de serem solucionadas. O relato do outro professor, é encarar a indisciplina com naturalidade, numa relação dialógica com estudantes que apresentam essa conduta questionando o porquê das atitudes e onde pretende chegar.

No minicurso, a autora explicou que não podemos esperar por mudança, porque vão sair os sujeitos e entrando outros ou reproduzindo a conduta considerada como indisciplina. É necessário, trabalhar de forma diferente, procurando dialogar e compreender mais os estudantes de forma amorosa, isto pode resultar positivamente. Não somente a isso, existe uma forma de estratégia de conduzir uma aula, é trabalhar na questão de despertar curiosidade nos seus alunos a partir do conteúdo que vai ser trabalhado, e nela é possível também até construir relações.

Ao longo de sua dissertação, a autora buscou evidenciar mais sobre as questões relacionadas a indisciplina e a construção diária na prática, com o objetivo de obter resultado positivo do que aprofundar os estudos sobre a escola. Tendo observado o comportamento, suas situações e realidades dos estudantes, conhecendo melhor sua história de vida que cada um leva, ela pôde investigar que as realidades e os tempos são diferentes.

Além de fazer isso em sua prática, ela compartilhou as suas experiências para os participantes do minicurso, por isso resolveu trabalhar a formação de professores realizado em momentos extraclasse destinado às reuniões pedagógicas. Muitos deles tiveram seu aprendizado e juntamente construíram o novo modo de pensar e atuar.

Com a realização do minicurso, os professores perceberam o quão importante é colocarem em pauta os problemas dos alunos e como podem intervir com a mudança no planejamento das aulas. Após isso, as aulas ficaram mais prazerosas e os problemas de indisciplina reduziram, os estudantes passaram a trata-los de forma respeitosa se interessando mais nas aulas.

Yoshida afirma que é necessário ter essa formação de professores, pois cada estudo abrange conhecimento mais profundo, possibilitando um momento de reflexão sobre as práticas pedagógicas, e como deve-se conduzir uma aula adequada e quais as estratégias utilizar para lidar com a indisciplina numa sala de aula.

4 CONCLUSÃO

Para desenvolvimento desta pesquisa buscou-se como objetivo principal discutir o fenômeno da indisciplina escolar a partir das análises de alguns autores, visto que este tema está presente no cotidiano das escolas públicas e privadas.

A partir de então, alguns autores que trabalham e fazem suas observações sobre o tema foram selecionados para servirem como fonte de discursão para este trabalho, no intuito de identificar, analisar e verificar quais as causas para a tal indisciplina ocorrida por parte dos alunos no ambiente escolar.

Primeiramente, observou-se, que a indisciplina acometida pelo aluno está relacionada com inúmeros fatores que podem lhe afetar tanto em sala de aula, quanto na família, ou na sociedade em geral; e para identificá-los é necessário um trabalho com toda a rede de apoio deste aluno a fim de ajudá-lo em sua indisciplina.

A literatura apresenta alguns motivos que levam o educando a não ter a devida disciplina e cumprimento das ordens impostas pela escola; antes os professores eram vistos como exemplo a ser seguido e a escola não era algo obrigatório, (hoje, o Governo obrigada as crianças estudarem para que recebam uma quantia em dinheiro sendo acompanhadas pelo Mec se realmente estão indo pras escolas); no caso dos alunos de escolas privadas, veem na figura do professor não alguém para se dedicar e obter respeito, mais sim um objeto profissional que recebe o seu dinheiro e tem que aguentar suas indisciplinas calados.

Outro ponto que foi analisado, é o ambiente familiar em que a criança vive. Pais que trabalham fora e não tem tempo para participar da educação dos filhos; pais que são alcoólatras e chegam em casa amedrontando ou violentando os filhos. Estes exemplos acarretam danos na aprendizagem e no comportamento do aluno, podendo tornar-se agressivos em sala de aula, falar palavrões, não respeitar os professores e os colegas, entre outros.

A pesquisa aponta ainda a visão dos alunos para a ação disciplinada. Os estudantes afirmam que não são ouvidos pela escola e que suas vontades não são atendidas e que são punidos quando desobedecem alguma regra. Há também a insatisfação com a infraestrutura da escola, alegam pouco espaço físico para recreação.

Conclui-se com bases nas afirmativas, que a indisciplina escolar faz parte das escolas no geral e que deve existir uma participação conjunta na educação dos alunos; os pais, professores, sociedade. Pois somente com a contribuição de todos, poderá haver mudança no comportamento.

REFERENCIAS

- ABBAGNANO, N. Dicionário de Filosofia. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- AQUINO, Julio Groppa (org.). Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 2016.
- _____. Indisciplina na escola. São Paulo: Grupo Editorial Summus, 1996.
- BARBOSA, Fernanda Aparecida Loiola. INDISCIPLINA ESCOLAR: DIFERENTES OLHARES TEÓRICOS. 2009. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/105762462/Indisciplina-escolar-Diferentes-Olhares-Teoricos#>. Acesso em: 20 fev. 2023.
- BANALETTI, Samara Marina Menin; DAMETTO, Jarbas. INDISCIPLINA NO CONTEXTO ESCOLAR: CAUSAS, CONSEQUÊNCIAS E PERSPECTIVAS DE INTERVENÇÃO. 2015. Disponível em: https://www.bage.ideau.com.br/wp-content/files_mf/4644be6704aa0facbf42315e890d07f6284_1.pdf. Acesso em: 25 jan. 2023.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. (1988) Imprensa Oficial do Estado S.A. IMESP.
- CAYGILL, H. Dicionário Kant. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- CHARLOT, B. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. Sociedades: Porto Alegre, ano 4, n° 8, 2002, p.432-443.
- DOURADO, Luiz Fernandes; OLIVEIRA, João Ferreira de. A qualidade da educação: perspectivas e desafios. Cad. Cedes, Campinas vol. 29, n. 78, p. 201-215, maio/ago. 2009.
- ESCOLA ESTADUAL PROFESSORA CARMEM LÚCIA - EEPCL. Arquivo Escolar: Projeto Político Pedagógico. 2016.
- ESTRELA, Maria Teresa. Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula. 3. ed. Porto: LDA, 1992.
- FAGUNDES, Deiwson Silveira. INDISCIPLINA NA ESCOLA: UMA ANÁLISE DO PROJETO BOA CONDUTA. 2017. Disponível em: <http://mestrado.caedufjf.net/indisciplina-na-escola-uma-analise-do-projeto-boa-conduta/>. Acesso em: 20 jan. 2023.
- FOUCAULT, M. Vigiar e punir: nascimento da prisão; Petrópolis: Vozes, 1983.
- _____. História da Sexualidade: A Vontade de Saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- _____. Vigiar e Punir. Petrópolis: Vozes, 1987.
- _____. Vigiar e punir: história da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes, 1999.
- _____. Microfísica do Poder. 17.ed. Rio de Janeiro: Graal, 2002.
- FRANZOLOSO, Mariana Ribeiro. Indisciplina e desenvolvimento moral na Educação Infantil. 2011. 226 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2011.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 19. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

_____. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. 15ª edição, São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, L. *A produção de ignorância na escola*. São Paulo: Cortez, 1998.

FREITAS, Luiz Carlos de. Os reformadores empresariais da educação e a disputa pelo controle do processo pedagógico na escola. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 35, n. 129, p. 1085-1114, out-dez, 2014.

GARCIA, J; ALBERTI, A. R. A indisciplina na sala de aula: analisando a perspectiva dos alunos. 1999 In: *SEMINÁRIO INDISCIPLINA NA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA*, 4. Curitiba, 2006, Anais... Curitiba: UTP, 2008, p. 215 – 226. CD.

GARCIA, Joe. Entre os muros da escola: indisciplina e formação de professores. *Anais... Congresso Nacional de Educação–Educere*. 2009. p. 7713-7723.

_____. Indisciplina na escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva. *Revista Paranaense de desenvolvimento*, n. 95, p. 101-108, 1999.

GARCIA, Maria Manuela Alves. *Pedagogias críticas e subjetivação: uma perspectiva foucaultiana*. Petrópolis: Vozes, 2002.

GONÇALVES, Vanessa Bugs. *Táticas e estratégias: uma desconstrução da noção de indisciplina no cotidiano escolar*. 2018. Disponível em: <http://guaiaca.ufpel.edu.br:8080/handle/prefix/4399>. Acesso em: 13 jan. 2023.

KOFF, A. M. N. S e PEREIRA, A.B.C. Disciplina: uma questão de autoridade ou participação? In: CANDAU, V.M. (Org). *Rumo a uma nova didática*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.p. 135-151.

LOPES, Rosilene Beatriz; GOMES, Candido Alberto. Paz na sala de aula é uma condição para o sucesso escolar: que revela a literatura?. *Ensaio: aval.pol.públ.Educ.*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 75, p. 261-282, June 2012.

MENDES, F. M. D. Pensando sobre a indisciplina escolar. In: *SEMINÁRIO INDISCIPLINA NA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA*, 4. Curitiba, 2008, Anais... Curitiba: UTP, 2008, p. 128-137. CD

MOÇO, Anderson. Indisciplina. Como se livrar dessa amarra e ensinar melhor. Não há solução fácil. *Nova Escola*, n. 226, v. 24, nov. 2009, p. 78-89.

PARRAT-DAYAN, S. *Como enfrentar a indisciplina na escola*. São Paulo: Contexto, 2008.

PENNA, Marieta. Valores Práticos do Magistério e Facetas de Práticas Pedagógicas. *Educação e Realidade*. v. 37, n. 3, p. 823-839, set./dez. 2012.

PIMENTA, Kedna Gomes, LOUZADA, Shênia Soraya Soares. A indisciplina na percepção de educadores e algumas possibilidades. Disponível em: 15 http://facos.edu.br/publicacoes/revistas/eped/agosto_2012/pdf/a_indisciplina_na_percepcao_d_e_educadores_e_alguas_possibilidades.pdf. Acesso em: 06 jan. 2023.

RATTO, Ana Lúcia Silva. Disciplina, vigilância e pedagogia. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 37, n. 131, p. 481-510, 2007.

REGO, Teresa Cristina R. A indisciplina e o processo educativo: uma análise vygotskiana. In: AQUINO, Júlio Groppa. (Org.). Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996. p.83-101.

SANTOS, Maria Regina dos. A produção da Subjetividade e as relações de poder na escola. 2016.

SAYÃO, Rosely; AQUINO, Julio Groppa. Em defesa da escola. Campinas: Papirus, 2004.

SILVA, Andréa Catarina, e SANTOS, Roseane Moreira dos. Relação Professor Aluno: Uma reflexão dos problemas educacionais. Universidade da Amazônia, 2002.

SOUSA, Suelen Gomes de. A INDISCIPLINA NA ESCOLA: UM ESTUDO COM ALUNOS DE ESCOLA PÚBLICA CONSIDERADOS INDISCIPLINADOS. 2016.

Disponível em: <https://www.ri.unir.br/jspui/handle/123456789/1325?mode=simple>. Acesso em: 25 jan. 2023.

TAILLE, Yves de La. A indisciplina e o sentimento de vergonha. In: AQUINO, Julio Groppa (org.). Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Sammus Editorial Ltda., 1996. cap. 1, p. 9-24.

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro. Uma carta, um convite. In: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares (organizadores). Juventude e ensino médio: sujeitos e currículo em diálogo. Editora UFMG, 2014. 339 p.

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro; LEAL, Álida Angélica Alves. Fios e desafios da docência no Ensino Médio. In: Outro Olhar. Revista de Debates: Ano X, n. 7, Belo Horizonte: Agosto/2011.

TIBA, Içami. Pais e educadores de alta performance. 2. ed. São Paulo: Integrare Editora, 2012.

_____. Disciplina. - Limite na medida certa. 8º edição. São Paulo: Editora Gente, 1996.

VASCONCELLOS, C. dos S. Construção do conhecimento em sala de aula. São Paulo: Libertad, 1995.

_____. (In) Disciplina: Construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola. São Paulo: Libertad Editora, 2004.

YOSHIDA, Cynthia. INDISCIPLINA NA ESCOLA: O QUE FAZER? Disponível em: http://repositorio.ufla.br/bitstream/1/35232/1/DISSERTA%C3%87%C3%83O_Indisciplina%20na%20escola%20o%20que%20fazer.pdf. Acesso em: 10 jan. 2023.